



# 8º Encontro Internacional de Política Social 15º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Questão social, violência e segurança pública:  
desafios e perspectivas

Vitória (ES, Brasil), 16 a 19 de novembro de 2020

---

Mesa coordenada Direitos humanos, segurança pública e sistema jurídico.

## Desafios da arquitetura do acolhimento na Fronteira Brasil - Venezuela

Vera Magiano Hazan<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse trabalho pretende abordar os desafios da arquitetura humanitária, tema ainda pouco explorado na academia, apesar das cerca de 80 milhões de pessoas em deslocamento forçado pelo mundo. Estudar novas abordagens sobre este tipo de arquitetura é tão urgente quanto as demais questões que envolvem cidadania e direitos humanos. Com a crise causada pela Covid 19, torna-se ainda mais necessário discutir e rever os parâmetros usados até o momento, e reproduzido nos mais diversos territórios, independente do clima, das condições do solo ou do número de abrigados. No Brasil, a falta de um plano emergencial bem estruturado lança grandes desafios aos gestores e arquitetos à frente da organização dos abrigos em Roraima, sobretudo no que diz respeito às infraestruturas sanitárias e de saúde pública.

**Palavras-chave:** Arquitetura humanitária; Precariedade programada; Acolhimento; Direitos humanos.

**Abstract:** This work aims to address the challenges of humanitarian architecture, a theme still little explored in academia, despite the approximately 80 million people in forced displacement around the world. Studying new approaches to this type of architecture is as urgent as the other issues involving citizenship and human rights. With the crisis caused by Covid 19, it becomes even more necessary to discuss and review the parameters used so far, and reproduced in the most diverse territories, regardless of climate, soil conditions or the number of shelters. In Brazil, the lack of a well-structured emergency plan throws great challenges to managers and architects at the head of the organization of shelters in Roraima, especially with regard to health and public health infrastructures.

**Keywords:** Humanitarian architecture; Programmed precariousness; Reception; Human rights.

### 1.Introdução

Em 2018, tive oportunidade de participar de uma missão da Cátedra Sergio Vieira de Mello/ ACNUR/PUC-Rio a Roraima, junto a outros professores da universidade dos cursos de Serviço Social, Relações Internacionais, Direito e Letras. A visita aos abrigos em Boa Vista e Pacaraima, na fronteira entre Brasil e Venezuela, mostrou a emergência e a vulnerabilidade da situação dos refugiados venezuelanos no Brasil, especialmente no campo da arquitetura.

Naquele momento, cruzavam a fronteira cerca de 500 venezuelanos por dia. Havia 13 abrigos, sendo um em Pacaraima e os demais em Boa Vista. Diferentemente dos campos de outros países, geralmente afastados do perímetro urbano, a maior parte

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio). Email: [verahazan@puc-rio.br](mailto:verahazan@puc-rio.br).

dos abrigos da capital se localizava em áreas urbanizadas, com certa infraestrutura e proximidade de outras atividades. A construção do complexo Rondon, com três abrigos lado a lado, alterou a dinâmica das intervenções e levou a estrutura de acolhimento para outra escala e relação de menor proximidade com a cidade.

Já se passaram dois anos, e a situação na Venezuela continua crítica, sobretudo em função da pandemia do coronavírus. Se, até março de 2020, os refugiados venezuelanos estavam em trânsito, à procura de novas perspectivas, com o fechamento das fronteiras de diversos países na América Latina, Estados Unidos e Europa, a situação se agravou e o acesso na fronteira Brasil – Venezuela se intensificou.

A chegada da pandemia trouxe mais alguns desafios para as estruturas de acolhimento em Roraima, especialmente em função da precariedade da infraestrutura de saneamento e abastecimento de água dos abrigos existentes. Além dos cerca de 7.000 abrigados em estruturas oficiais de acolhimento, sem as mínimas condições de distanciamento social, há ainda uma boa quantidade de refugiados em ocupações, situação de rua e em barracas junto à rodoviária de Boa Vista, em situações ainda mais vulneráveis.

Em função disso, não se pode discutir políticas de acolhimento, olhando-se somente para os campos e abrigos oficiais. É preciso compreender melhor a situação das cidades de Pacaraima e Boa Vista e os impactos trazidos pela chegada dos venezuelanos nas cidades.

## **O Contexto**

Segundo o relatório Global Trends 2019<sup>2</sup>, até o final deste ano eram 1.771.237 refugiados venezuelanos na Colômbia, 452.712 no Chile, 377.864 no Peru, 374.045 no Equador e 123.507 no Brasil. Como se pode perceber, o número de venezuelanos em situação de refúgio em outros países da América Latina, em especial na Colômbia, é muito superior ao do Brasil, mas nem por isso a situação por aqui é mais tranquila, pois a fronteira do Brasil com a Venezuela é formada por estados muito vulneráveis social e economicamente, em especial Roraima.

---

<sup>2</sup> UNHCR GLOBAL TRENDS 2019 – FORCED DISPLACEMENT, publicação digital do ACNUR, lançada em junho de 2020.

A proximidade entre Brasil e Venezuela possibilitou que uma média de 500 pessoas ingressassem por dia em Pacaraima, município de Roraima, com cerca de 17.401 habitantes, segundo a estimativa do IBGE para 2019. A cidade ganhou 1.821 habitantes entre 2018 e 2019, o que representa um aumento de 11,7% em apenas um ano, e estima-se que se a crise se prolongar, é possível que em cinco anos a população dobre de tamanho, e metade seja formada por brasileiros e a outra metade por venezuelanos.

A segunda cidade que mais cresceu foi Boa Vista, a capital do estado de Roraima, para onde boa parte dos venezuelanos recém-chegados se encaminhou, seja para tentar melhores condições de acolhimento, seja para participar do programa de interiorização, promovido pelo governo brasileiro. Boa Vista ganhou em 2019 um aumento de 6,4% na sua população.

Ainda segundo o IBGE, enquanto a média de aumento da população no país de 2018 para 2019 foi de 0,8%, em função da migração dos venezuelanos foi de 1,4% na região Norte, e mais especificamente de 5,1% em Roraima, em função da fronteira com o país.

Com o clima mais ameno do que o resto do estado, Pacaraima é uma cidade com cerca de 21.4% de domicílios apenas com esgotamento sanitário adequado, 9% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 22.9% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio).

Em Pacaraima, a Polícia Federal, as forças armadas e a ONU montaram um posto de triagem com alojamento para curta permanência e apenas um abrigo de maior porte – o Janokoida, dirigido à população indígena, que em geral encontra mais dificuldade no programa de interiorização, e deseja ficar mais próxima à fronteira do seu país.

Com a chegada dos venezuelanos em Boa Vista, a população da cidade foi estimada em 399.213 para o ano de 2019. Como ainda não há uma previsão de mudanças em relação ao fim da crise na Venezuela, os abrigos e assentamentos improvisados em Boa Vista e Pacaraima começaram a sentir o efeito da superlotação. Apesar do governo brasileiro ter iniciado um processo de interiorização de venezuelanos no Brasil, o que se observou *in loco* é que a maior parte desejava retornar ao seu país ou dar apoio aos seus familiares que permaneciam na Venezuela. Por isso,

muitos preferiam se manter em Roraima, ainda que em condições precárias.

Talvez o maior desafio das ações humanitárias seja lidar com as questões de trânsito e o acolhimento provisório. A situação de Roraima reproduz o que se vê em outros países da Europa, Estados Unidos e até mesmo América Latina. Dos quase 3,6 milhões de venezuelanos que deixaram seu país desde o início da crise, cerca de 73% seguiram para países da região, segundo o relatório do ACNUR. Em função da língua, das questões culturais e perspectivas de emprego, o Brasil nunca foi a primeira opção, apesar de sua legislação sobre migração<sup>3</sup> ser uma das mais avançadas em termos de direitos humanos e acolhimento. No último ano, entretanto, as solicitações de pedido de refúgio aumentaram por aqui, e já se pode ver venezuelanos em diversas regiões do país, trabalhando principalmente em atividades informais.

### **A Visita a Roraima**

A oportunidade de participar da missão humanitária da Cátedra Sergio Vieira de Mello da PUC-Rio em setembro de 2018, a convite do ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, permitiu um grande avanço na pesquisa, sobretudo no que diz respeito aos espaços de acolhimento e abrigos para refugiados venezuelanos em Roraima. A visita proporcionou compreender melhor as dinâmicas cotidianas dos acolhidos, tanto nos abrigos quanto nos espaços públicos de Pacaraima e Boa Vista.

Conforme foi dito anteriormente, Pacaraima é uma cidade de fronteira, pouco urbanizada e com infraestrutura precária até mesmo para seus menos de 20 mil moradores. Antes da crise, ela funcionava como um entreposto comercial importante para os moradores de Santa Elena de Uairén, na fronteira do lado venezuelano. Enquanto os brasileiros atravessavam a fronteira para abastecer nos postos de gasolina, passar o fim de semana nos hotéis da serra etc, os venezuelanos entravam no Brasil para trabalhar e fazer compras. O fluxo de veículos era contínuo, como se fossem cidades irmãs, com uma grande sinergia e colaboração mútua.

Esse clima de amizade e respeito mudou a partir do momento em que os

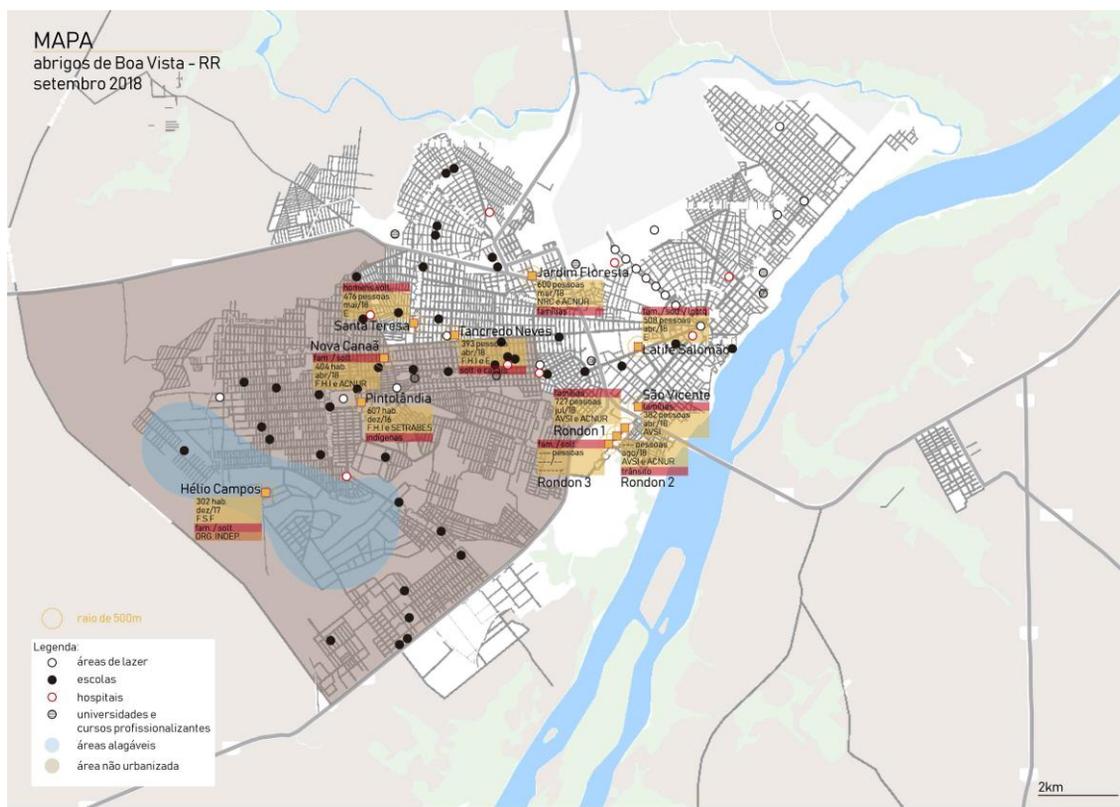
---

<sup>3</sup> [Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017.](#)

fluxos deixaram de ser de idas e vindas e passaram a ser só de vindas, sem retorno previsto. Segundo relatório da FGV/DAPP, a crescente migração já apontava para os distúrbios ocorridos em fevereiro e agosto de 2018 nas duas cidades. Desde que o fluxo migratório começou a se intensificar, os brasileiros se deram conta de que os venezuelanos não estavam somente de passagem, e um clima de animosidade tomou conta da fronteira.

A maior parte dos abrigos concentra-se em Boa Vista, a cerca de 3 horas da fronteira. Diferentemente dos campos abertos de refugiados encontrados em diversos países, eles se localizam no perímetro urbano, em áreas centrais, junto ao comércio, residências, escolas, praças e igrejas, entre outros equipamentos comunitários. Em função do crescimento do fluxo migratório, os onze abrigos disponíveis na cidade já não dão conta da demanda, havendo uma quantidade expressiva de famílias aguardando vagas nas ruas.

Na época da visita, quase todos os abrigos se localizavam em áreas urbanizadas, em bairros com ocupação mais densa e vizinhança formada por residências, comércio e serviços. A exceção era o centro de acolhimento Hélio Campos, coordenado pela Fraternidade Internacional, que se situava em uma área afastada, com menor mobilidade, infraestrutura e equipamentos sociais até 2019, quando se mudou para área próxima ao Abrigo São Vicente, e passou a utilizar a mesma infraestrutura que outros abrigos controlados pelo ACNUR.



Mapa de localização dos abrigos em 2018

A partir da visita, foi elaborada uma tabela com informações sobre os tipos de abrigos encontrados em Roraima, a partir da capacidade, infraestruturas, perfil de população atendida etc. Como na época o abrigo Rondon 2, expansão do Rondon 1, estava recém implantado, com as primeiras tendas Better Shelter e uma estrutura inicial para o atendimento de interiorização, não foi possível conseguir muitas informações sobre ele. O Rondon 3 ainda estava sendo planejado, e por isso também não aparece na tabela.

O conjunto Rondon 1, 2 e 3 constitui a maior concentração de abrigados em Boa Vista, com 810, 645 e 1386 pessoas atendidas<sup>4</sup>, respectivamente. Localizado às margens da av. General Sampaio em terrenos amplos e áridos, o conjunto lembra, por sua escala, campos de refugiados encontrados em outros países.

<sup>4</sup> A informação da capacidade de pessoas atendidas nos abrigos Rondon 1, 2 e 3 foi repassada por uma profissional do ACNUR em junho de 2020.

## Os abrigos em Boa Vista

SET/2018

ABRIGOS	CIDADE	FAMÍLIAS	POPULAÇÃO	TIPO POPULACIONAL	GESTOR	ETNIA	PRÉ-EXISTÊNCIA	TIPO DE MORADIA	SERVIÇOS
JARDIM FLORESTA (capacidade: 594)	BOA VISTA	200	600	FAMÍLIAS	NRC	NÃO-INDÍGENA	TERRENO	TENDAS	W.C./BEBEDOUROS PAVILHÃO ELEVADO
PINTOLÂNDIA (capacidade: 448)*	BOA VISTA	185	607	INDÍGENAS	SETRABES	INDÍGENA (EÑEPA E WARAO)	GINÁSIO	REDÁRIO	4 W.C./2 CHUV./1 COZ./1 DESP./ FOGAREIROS (COZ. COLETIVA)
HÉLIO CAMPOS	BOA VISTA	(SEMDADO)	302	FAMÍLIAS	FSF	NÃO-INDÍGENA	TERRENO	BARRACAS	QUADRA DE VOLÊI BANHEIROS/ESCOLA/ORGANIZA ÇÃO DE OFICINAS DE MARCENARIA E COSTURA/ COZINHA COLETIVA
TANCREDO NEVES (capacidade: 232)	BOA VISTA	272	293	HOMENS SOLTEIROS E CASAS SEM FILHOS	EX/FHI	NÃO-INDÍGENA	GINÁSIO	TENDAS	W.C./BEBEDOUROS AULAS DE PORTUGUÊS TELEVISÃO
SÃO VICENTE (capacidade: 378)	BOA VISTA	108	382	FAMÍLIAS	AVSI	NÃO-INDÍGENA	TERRENO	TENDAS	W.C./BEBEDOUROS
RONDONI (capacidade: 600)**	BOA VISTA	(SEM INFO)	727	FAMÍLIAS EM TRÂNSITO PARA INTERIORIZAÇÃO	AVSI	NÃO-INDÍGENA	TERRENO	BETTER SHELTER	USO DE ENERGIA SOLAR RENOVÁVEL
NOVA CANAÃ (capacidade: 390)***	BOA VISTA	125	404		FHI	NÃO-INDÍGENA	TERRENO	TENDAS	W.C./BEBEDOUROS
LATIFE SALOMÃO***	BOA VISTA		508	LGBTQI (SOLTEIROS)		NÃO-INDÍGENA	PRÉDIO PÚBLICO	TENDAS	W.C./BEBEDOUROS
JANOKOIDA (capacidade: 196)	PACARAÍMA	128	397	INDÍGENAS	SETRABES/FHI	INDÍGENA (WARAO)****	GINÁSIO	REDÁRIO	FOSSA SÉPTICA/ÁREA PARA EXIBIÇÃO DE FILMES E AULAS/FOGAREIROS (COZ. COLETIVA)/ÁREA PARA ARTESANATO / CAMPINHO DE FUTEBOL
SANTA TERESA	BOA VISTA		470	HOMENS SOLTEIROS	EX	NÃO-INDÍGENA			NÃO VISITADO

Tabela organizada pela bolsista de PBIC Julia de Queiroz

Apesar de ter menos de 400.000 habitantes, Boa Vista é uma cidade que ostenta um sistema de proteção patrimonial com muros altos, câmeras, arames, cercas elétricas e cacos de vidro, inclusive em construções mais simples. Segundo informações locais, sempre foi assim, mas com a chegada dos venezuelanos intensificou-se a instalação de sistemas de segurança tanto nos estabelecimentos comerciais quanto habitacionais. O medo do desconhecido<sup>5</sup> aumentou o grau de xenofobia e o clima de insegurança nas ruas, que em função da falta de interação entre construções e espaço público cria uma desurbanidade sem igual, especialmente para os pedestres e ciclistas.

O Plano inicial de urbanização de Boa Vista, projetado pelo urbanista carioca Darcy Aleixo Derenusson, data da década de 1940, quando Roraima tornou-se capital do território federal de Rio Branco. A proposta de um sistema radial como símbolo de união territorial naquele período pós-guerra, imaginando a união dos povos do extremo norte do país, inspirava-se em modelos europeus, com traçado parcialmente concêntrico, com doze vias irradiadas a partir de uma grande praça e cinco avenidas

<sup>5</sup> O desconhecido, como citado por Bauman em “Um estranho à nossa Porta” é o estrangeiro, aquele que difere do normal, que ameaça a ordem pública.

envoltórias e vias secundárias em cruzamento. O plano enfatizava a praça cívica central, enquadrada por edifícios administrativos e instituições culturais.<sup>6</sup>

Com a desativação de garimpos e o crescimento da migração intraestadual a partir da década de 1990, houve uma expansão desordenada da área urbana, com criação de loteamentos irregulares e novos bairros sem investimento em infraestrutura, expondo claramente as diferenças sociais na cidade, visíveis até hoje. Alguns abrigos localizavam-se nesses bairros de expansão, e a infraestrutura, especialmente de esgoto, mostrava-se bastante precária, sobretudo para a instalação de alojamento para mais de 500 pessoas.

O clima de Boa Vista é considerado tropical úmido, com o inverno seco e o verão chuvoso. Apesar da temperatura variar entre 22 °C a 35 °C, a sensação térmica em algumas estações é de calor intenso, beirando os 45°. Como a arborização em geral encontra-se dentro dos muros, e não há marquises ou outras proteções do sol e da chuva junto às calçadas, caminhar ou pedalar em Boa Vista exige disposição.

O sol forte e as chuvas intensas, aliados à urbanização precária em diversos bairros, afeta não só as vias e calçadas, como também os terrenos. Reflexo disso são os recorrentes alagamentos em alguns abrigos, que por seguirem uma estrutura de acolhimento padronizada, com as tendas e casinhas colocadas diretamente sobre o solo, sofrem com situações como estas.

### **Das redes às casinhas Better Shelter**

Durante a visita a Roraima, teve-se a oportunidade de visitar 11 abrigos ao todo, sendo 9 em Boa Vista e dois em Pacaraima – um indígena e um de triagem. Havia estruturas para famílias, casais, e até mesmo um abrigo exclusivamente masculino. Quase todos os abrigos seguiam a mesma lógica espacial, independente do terreno em que eram organizados. Os dois abrigos voltados para a população indígena – Pintolândia em Boa Vista e Janokoida em Pacaraima eram os únicos com uma lógica

---

<sup>6</sup> TREVISAN, Ricardo. FICHER, Sylvia. DERENUSSON, Isabella de Carvalho. DERENUSSON, Darcy Romero. Darcy Aleixo Derenusson. **O engenheiro e urbanista que projetou Boa Vista** – RR. Revista Vitruvius, 2018.

diferente, mais ajustada ao modo de vida comunitário. Ao invés de colchões, os indígenas receberam estruturas de suporte para suas redes em espaços amplos, que possibilitavam a reunião de suas famílias numerosas.

Além disso, foram construídos fogões a lenha para que as refeições pudessem ser feitas pelas próprias famílias, mantendo-se uma rotina de costumes importante para a sua cultura. Nos demais abrigos, a dinâmica era diferente. Em geral, a maior parte da alimentação era fornecida pelo exército em marmitas de isopor, descartadas posteriormente, acumulando uma grande quantidade de lixo não reciclável. Segundo os abrigados, a comida era sempre a mesma, inclusive para crianças, apesar de suas necessidades de nutrição serem diferentes das dos adultos.

Por um lado, compreendem-se as dificuldades da logística que envolve a produção de alimentação em abrigos. Por outro lado, privar as famílias de produzirem suas próprias comidas e criarem interação no momento da produção dos alimentos e refeição torna o dia a dia ainda mais difícil, especialmente quando a permanência nos abrigos se prolonga. Até o momento, o esquema de alimentação continua o mesmo, exceto nos abrigos que acolhem famílias, onde o UNICEF<sup>7</sup> disponibilizou um container com cozinha para reduzir a subnutrição infantil.

No abrigo Latife Salomão, a copa do antigo galpão é usada principalmente para a produção de bolos, biscoitos e outros alimentos que possam gerar renda dentro e fora do abrigo. Como este centro de acolhimento recebe um público mais diversificado<sup>8</sup> que os demais, a cozinha funciona, também, como um espaço compartilhado de convívio e trocas entre os abrigados.

Ainda que se tenha conhecimento de diversos campos e estruturas de acolhimento com mais de vinte anos de funcionamento, o protocolo de instalação de um campo é baseado no conceito de precariedade programada, que se utiliza de estruturas provisórias com tempo de duração de, no máximo, 3 anos, como as casinhas Better Shelter, construídas pela empresa europeia IKEA, que há alguns anos vêm

---

<sup>7</sup> Unicef - Fundo das Nações Unidas para a Infância.

<sup>8</sup> O abrigo Latife Salomão recebe algumas famílias e pessoas solteiras dos mais gêneros. Para evitar problemas, o exército dividiu o espaço em alas – uma grande área com beliches para mulheres e crianças, outra para homens adultos e o maior salão para tendas de até duas pessoas, com alguns casais e pessoas identificadas como LGBT.

substituindo as antigas tendas do ACNUR, da defesa civil etc.

A RHU ou “casinha” da IKEA trouxe alguns avanços em relação às unidades utilizadas anteriormente, mas assim como as outras, não atende a todos os climas e culturas, como se pode observar nos abrigos de Boa Vista. Durante o dia, os abrigados preferem ficar na parte externa, utilizando a sombra destas construções para proteger-se do sol, do que em seu interior, pois a temperatura dentro da “casinha” às vezes beira os 45°. Sua grande vantagem em relação às demais é a altura interna, que permite que até adultos fiquem de pé. Outro avanço se refere ao material utilizado, que é mais firme e seguro para as famílias, já que permite seu fechamento e segurança de seus pertences.

A receptividade das famílias ao conceito dessa construção, que faz alusão a uma casa tradicional, com telhado em duas águas e paredes mais firmes é, sem dúvida, um ponto positivo, sobretudo num momento de extrema fragilidade como o do refúgio. Para que ela continue sendo oferecida para áreas de clima tropical úmido, como no caso de Roraima, há, entretanto, que se explorar a flexibilidade do sistema e adaptar o módulo a situações de climas quentes. Nesse caso, seria preciso criar novas aberturas, bem como reduzir a temperatura interna do módulo, a partir da instalação de um forro interno ou de uma proteção sobre a cobertura. O fechamento excessivo do módulo e a proteção térmica inadequada para o clima da região nos motivaram a imaginar outras possibilidades junto aos arquitetos do ACNUR.

Com a chegada do COVID19 ao Brasil, a necessidade de abertura de novas janelas e formas de ventilação das tendas e casinhas tornou-se urgente. O módulo compacto e a falta de um espaço de maior arejamento junto às casinhas, levou-nos a pensar em uma extensão externa no formato de varanda, onde se poderia tomar ar, controlar as crianças brincando, estender roupas ou mesmo descansar sob a sombra da cobertura. Se a dificuldade dos moradores das grandes cidades é se manter no confinamento/ distanciamento social em dias de sol, no caso dos refugiados é se proteger do vírus em uma estrutura exígua, compartilhada.

### **A lógica militar de ocupação em grelha**

A ocupação dos terrenos segue uma lógica muito próxima, e que pode ser observada, também, em campos de refugiados em outros países. São sempre malhas

regulares, com as tendas colocadas de forma ordenada em linhas paralelas, abrindo “ruas” entre elas, com distâncias que variam de acordo com a quantidade de tendas e dimensão do terreno. Essa mesma lógica ocorre também nos espaços internos de ginásios e galpões, como nos casos dos abrigos Latife Salomão e Tancredo Neves.

Acredita-se que essa lógica se deva, principalmente, a duas questões – à instalação da infraestrutura e controle das ações e atividades nos abrigos. O distanciamento entre as unidades segue, também, os protocolos de segurança para evitar proliferação de incêndios e acidentes, bem como possibilitar certa privacidade à população refugiada. No caso do Covid 19, esse espaço entre as tendas e “casinhas” foi fundamental para o controle da pandemia dentro dos abrigos.

A suspensão das saídas, entretanto, deve ter tornado a rotina dos refugiados ainda mais difícil com o confinamento obrigatório, aliado ao ócio forçado, especialmente de pessoas em idade produtiva, que se preparavam para integrar o programa de interiorização, em busca de novas perspectivas. Por outro lado, os quase 5.000 venezuelanos desabrigados, encontraram-se em situação ainda mais vulnerável, seja nas ocupações compartilhadas entre famílias, nas ruas ou vizinhança da Rodoviária de ao Vista.

Segundo relatos de funcionários do ACNUR, foram instaladas pias para higienização da população de rua, e a distribuição de quentinhas também se tornou uma rotina na cidade. De qualquer forma, seja em Boa Vista, Pacaraima, São Paulo ou Rio de Janeiro, as condições de assepsia e prevenção contra o COVID19 nas ruas e espaços públicos são muito mais difíceis do que em espaços controlados, e o contágio do vírus passou a ser uma questão de sorte ou azar.

Com a pandemia COVID19, a humanidade foi forçada a uma pausa. Mesmo aqueles que tinham pressa de sair de situações limites, tiveram que esperar para prosseguir. No caso dos refugiados venezuelanos em Boa Vista, essa pausa significou permanecer mais um tempo numa situação de grande incerteza numa cidade que não escolheram para morar.

### **Transitoriedade, pausa e deriva**

As narrativas de refugiados das mais diversas origens, reveladas em publicações e filmes, revelam alguns pontos em comum, como a instabilidade, a

transitoriedade forçada e a pausa em relação à vida anterior. Do país de origem ao destino desejado, são muitas as etapas a cumprir e uma rotina de surpresas. Os refugiados não saem de seus países por escolha, e sim por instinto de sobrevivência.

Não há como compatibilizar a vida anterior com esse momento de transição. É como se houvesse uma pausa por tempo indeterminado, que congela uma série de ações do cotidiano dessas pessoas. De um dia para o outro, estudantes deixam de ir à escola, adultos deixam de trabalhar; agricultores largam suas plantações; professores abandonam suas turmas; comerciantes fecham suas lojas; bairros inteiros se tornam espaços fantasmas.

Alguns refugiados já saem com um destino certo. A maioria, entretanto, passa muito tempo à deriva, sem um destino certo, vagando por estradas, entrando e saindo de cidades, navegando pelo mar em busca de um novo rumo para suas vidas. Quem tem contatos ou conhece organizações de apoio em outros países leva consigo a esperança do recomeço. Mas, quem se lança à sorte, sem qualquer planejamento, depende da compreensão e da ajuda dos outros, e nem sempre é isso o que se encontra.

Nessa deriva, onde se caminha e pára, solitariamente ou em grupos, pode-se atravessar um deserto, uma montanha, rios ou até mesmo mares para se chegar a uma cidade. Em algumas estradas, não há qualquer infraestrutura de suporte para os viajantes. Não há pontos d'água, proteção de sol e chuva, lugar para sentar, descansar ou trocar um pneu de bicicleta. Há acostamentos projetados para carros e caminhões, mas para o caminhante não há nada.

As fronteiras também revelam surpresas. Dependendo do continente, as línguas mudam de um país para o outro, e as barreiras se multiplicam. Se há um oceano no meio da rota de fuga, a probabilidade dos impactos culturais se ampliarem é ainda maior. Mas, do outro lado do mundo, há sempre uma esperança, ainda que coberta de incertezas. Estar vivo e com disposição para recomeçar é o que move essas pessoas em trânsito, ainda que saibam que a palavra estabilidade pode deixar de existir em suas vidas.

Caminhar, parar, descansar, seguir em frente, apesar do cansaço, da fome e da desidratação. Desde que o mundo é mundo, os seres humanos estão em trânsito e deslocamento forçado, mas nunca se imaginou um número tão grande de pessoas em trânsito como nesse começo de século. São tantas as situações críticas simultâneas que,

segundo a ONU, quase 80 milhões de pessoas se deslocam atualmente pelo mundo. Desse total, quase 26 milhões são considerados refugiados pelos padrões do Acnur. É como se toda a população da Austrália tivesse que sair do seu país e buscar outros destinos.

Enquanto estão à deriva, os refugiados estão em movimento. Quando entram nos campos e abrigos, entram em pausa e enfrentam uma nova etapa, por muitas vezes longa demais para o excesso de energia. O ócio forçado nos espaços de acolhimento talvez seja um dos maiores problemas enfrentados pelos adultos.

### **O ócio forçado nos espaços de acolhimento**

Na visita a Roraima, uma das coisas mais impactantes foi perceber o ócio forçado nos abrigos de Boa Vista. A cada visita, eram centenas de homens e mulheres jovens, com olhares vagos e sem energia, tentando ocupar seus tempos diante da instabilidade que aquela situação de refúgio os colocou. Enquanto isso, as crianças brincavam e interagiam entre poças d'água, roupas estiradas sobre as tendas, puxavam carrinhos de madeira, desenhavam deitadas no chão.

Em função da situação de refúgio, a incerteza em relação ao futuro é algo que muito angustia os abrigados, especialmente aqueles que antes da crise na Venezuela tinham uma profissão, independência financeira e um certo conforto na habitação. Se, por um lado, dentro dos abrigos os refugiados recebem alimentação e cuidados básicos da saúde, inclusive em tempos de COVID19, por outro estão sob tutela das organizações internacionais, sem possibilidade de escolher seus destinos.

Se, no caso dos adultos, o ócio forçado e a falta de trabalho e recursos criam um clima de extrema vulnerabilidade, as crianças sentem muita falta de suas casas, seus amigos, suas escolas. A incerteza da permanência, a falta de vagas nas instituições educacionais de Boa Vista, a diferença da língua e da cultura, etc, criam uma situação delicada para elas. Por isso, acreditamos ser tão importante criar espaços dedicados a essas crianças, dentro e fora dos abrigos. É importante que aprendam o português para interagirem com as crianças locais e imaginar um futuro menos triste.

Em relação às crianças indígenas, a situação pareceu um pouco diferente, pois já viviam dentro de núcleos mais restritos, e sentiam menos falta da integração com outros grupos. A dinâmica dos abrigos indígenas de Janokoida em Pacaraima e

Pintolândia em Boa Vista pareceu, de fato, melhor resolvida do que os demais abrigos nesse sentido. Como os warao já viviam em grandes grupos familiares, a distribuição dos trabalhos, a cooperação entre gerações, as trocas de favores e objetos, e mesmo a rotina deslocada do meio em que viviam, deram a impressão de que ali existiam laços de afeto e o reconhecimento de uma situação transitória.

Segundo Bauman (p.24)<sup>9</sup>, “a humanidade está em crise - e não existe outra saída para ela senão a solidariedade dos seres humanos”. As políticas de acolhimento tentam dar conta da urgência da situação, oferecendo o mínimo necessário - abrigo, comida e uma certa segurança àqueles que conseguem uma vaga. Num primeiro momento, é como um abraço apertado, cheio de esperança. Depois de um tempo, o ócio forçado e a incerteza do futuro transformam aquele ambiente precário num espaço de extrema vulnerabilidade e muitos conflitos.

### **Considerações finais**

O momento atual tornou vulneráveis inclusive populações que até recentemente se consideravam resguardadas dos grandes riscos do mundo. Ninguém poderia imaginar que um vírus atingisse tão rapidamente boa parte do globo terrestre, viajando por todos os continentes e colocando em questão os mais diversos regimes políticos encontrados. O coronavírus colocou em xeque, sobretudo, a sociedade atual.

A crescente crise humanitária atual tem demandado esforços de diversas entidades e profissionais de várias formações. No âmbito da arquitetura e do design, são muitas as contribuições em relação às tipologias de cabanas e abrigos. As publicações do ACNUR mostram inúmeros projetos, em sua maior parte construídos com materiais leves e de fácil montagem. Alguns são células individuais ou de casais, outros são espaços coletivos, que visam a atender desde famílias até grupos de profissionais de apoio. Como são abrigos provisórios, não são pensados para constituir lares. São, acima de tudo, abrigos de proteção e certa privacidade para quem está lá dentro.

Reconhecem-se o esforço e as dificuldades em atender a uma demanda cada

---

<sup>9</sup> BAUMAN, Z. “Estranhos à Nossa Porta”.

vez mais crescente de refugiados, sobretudo em Roraima. Sabe-se, também, dos entraves políticos, sociais e econômicos que impedem que as coisas aconteçam de outra forma. Mas, acredita-se ser necessário rever alguns parâmetros relativos ao acolhimento de refugiados.

Com o desafio do COVID19, ficou ainda mais clara a urgência de se repensar essas estruturas, sobretudo quando se tem quase 80 milhões de pessoas em trânsito, sem segurança alimentar, acesso a uma moradia digna, à informação e aos cuidados básicos de higiene e saúde.

Talvez o maior desafio daqueles que trabalham com a situação humanitária atual seja lidar com as questões de trânsito e o acolhimento provisório, uma vez que crises como a da Venezuela não têm data para terminar. As políticas públicas das cidades de fronteira deveriam olhar mais atentamente para as riquezas que as trocas culturais, sociais e comerciais poderiam trazer a essas espacialidades. O acolhimento de refugiados traz muitos desafios, entre os quais a falta de uma política habitacional social, problemas de infraestrutura, as diferenças culturais e as barreiras do idioma.

O uso de parâmetros globais e a ausência de um olhar mais sensível às demandas dos atendidos resulta em espaços que tornam essas permanências ainda mais difíceis e sofridas. Nos abrigos não faltam água, comida e um lugar para dormir. Mas, a forma como se estruturam as estruturas de acolhimento foram pensadas para situações de curta duração, e essa não é a realidade atual.

### **Referências:**

AUGÉ, Marc. **Não Lugares. Introdução à antropologia da supermodernidade.** São Paulo: Ed. Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à Nossa Porta.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2017.

CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar.** São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

HAZAN, Vera Magiano; MENDONÇA, Adalton da Motta. **Habitar a rua e viver a cidade.** Belo Horizonte: 4º Fórum Habitar, 2017.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida nas grandes cidades.** 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

KUSTER, Eliana; PECHMAN, Robert. **O chamado da cidade**: Ensaio sobre a urbanidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

NETO, Helion Póvoa. O Erguimento de Barreiras à Migração e a Diferenciação dos “Direitos à Mobilidade”. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v.6, n. 31, 2008.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

SASSEN, Saskia. “**Não é imigração, é expulsão**”. Entrevista concedida a Jorge Félix. **Ponto e Vírgula**, São Paulo: PUC SP, n. 18, p. 171-179, Segundo Semestre 2015.

United Nations High Commissioner for Refugees. **Global Trends Forced Displacement 2019**. Geneve, 2020.

<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>  
<https://www.acnur.org/portugues/2018/10/23/novo-abrigo-expande-acolhimento-de-venezuelanos-em-boa-vista/>